

Espaços da memória, mapeamentos do corpo: a consciência diaspórica contemporânea segundo Dionne Brand

Sandra Regina Goulart Almeida¹

Recebido 05, jun. 2012 / Aprovado 16, jun. 2012

Resumo: À luz da teorização apresentada pela escritora Dionne Brand em seu livro de ensaios críticos, *A map to the door of no return* (2001), este trabalho propõe uma reflexão sobre as experiências diaspóricas contemporâneas a partir da exploração de imagens emblemáticas, como as da memória, dos mapas e do corpo, que permeiam tanto textos críticos quanto ficcionais da autora.

Palavras-chave: Diáspora, espaço, gênero, etnicidade

Abstract: Based on Dionne Brand's theorization in the essays published in *A map to the door of no return* (2001), this paper proposes to discuss contemporary diasporic experiences focusing on emblematic images, such as those of memory, maps and the body, which pervade not only Brand's critical texts but also her fictional work.

Key-words: diaspora; space; gender; ethnicity

Résumé: À la lumière des théories présentées par Dionne Brand dans son livre d'essais critiques *A map to the door of no return* (2001), ce texte propose une réflexion sur les expériences diasporiques contemporaines à partir de l'exploitation d'images emblématiques, comme celles de la mémoire, des cartes et du corps qui traversent beaucoup de textes critiques et fictionnels de l'auteur.

Mots-clés: diaspora; espace; genre; ethnicité

I had no destination in mind. I am without destination; that is one of the inherited traits of the Diaspora. I am simply where I am; the next thought leads me to the next place.²

Dionne Brand, *A map to the door of no return*

E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma "chegada" sempre adiada.³ Stuart Hall

Por uma consciência diaspórica contemporânea

Dionne Brand, escritora caribenho-canadense, nascida em Trinidad, ocupa hoje a posição privilegiada de *poet-laureate* de Toronto, a partir da qual tece um discurso incisivo de crítica e denúncia, propondo uma reflexão pertinente sobre um tema que perpassa grande parte de sua ficção e muitos de seus livros de poemas: a experiência diaspórica. A leitura atenta de sua obra literária revela uma tentativa persistente de compreender o sentido de uma diáspora contemporânea vislumbrada como um processo inerentemente ambíguo, que evoca um sentimento dúbio de pertencimento, enfatiza o deslocamento, a memória e o esquecimento e reitera a insistente impossibilidade de retorno a um ponto inicial que não pode mais ser concebido em termos de origens. Observa a autora no trecho que precede aquele citado na epígrafe:

O que estou fazendo aqui eu não sei. Digo isso, é claro, no sentido que não sei como acabei aqui. Acabar não é a expressão certa. Minha vida não acabou. Desembarcar pode ser uma palavra mais adequada. Desembarcar é o que as pessoas fazem na diáspora. Desembarcando em portos, docas, pontes, bordas, fronteiras [...]. Eu não tinha nenhum destino em mente. Estou sem destino; essa é uma das características herdadas da diáspora. Estou simplesmente onde estou; o próximo pensamento me leva ao próximo lugar. (2002, p. 150, minha tradução).⁴

Como afirma o crítico Stuart Hall (2003), também ele caribenho e sujeito das mobilidades contemporâneas, a experiência da diáspora revela não apenas o processo de trânsito entre nações e territórios, mas também a ausência de um destino ou de uma chegada definitiva, remetendo a um estado de espírito constante de deriva, de uma consciência diaspórica que se revela em um devir sempre adiado.

A incursão ficcional de Brand pelos caminhos da diáspora se inicia com a publicação do livro de contos *Sans Souci* (1994) e do romance *In another place*

not here (1996), seguido por *At the full and change of the moon* (1999) e, mais recentemente, *What we all long for* (2005). Ao aventurar-se a “escrever a diáspora”, a autora opta frequentemente por explorar a condição de sujeitos diaspóricos na perspectiva de diálogos transculturais, construindo personagens que se encontram em deslocamentos geográficos e culturais contínuos, sinalizando para a possibilidade de se refletir sobre uma possível estética da diáspora contemporânea. Nesse sentido, Brand corrobora a premissa de Hall, segundo a qual a “cultura caribenha é essencialmente impelida por uma estética diaspórica” (2003, p. 34); ou, ainda, na esteira de Paul Gilroy, a autora parece propor uma reflexão em torno de uma política e uma poética da diáspora como termos indissociáveis (GILROY, 1994, p. 211). Depreende-se, assim, da reflexão proposta por Brand, ao abordar várias questões sobre as mobilidades contemporâneas, o pertinente papel da intelectual diaspórica que faz uso da escrita e da palavra, não para falar pelo outro, mas para fomentar um persistente estado de vigilância, nos termos teorizados por Gayatri Spivak (1999), condizente com o momento histórico sobre o qual se propõe a discorrer.

Dessa forma, a diáspora contemporânea articulada através de sua escrita pode ser concebida como um “campo discursivo” (DAVIES, 2010, p. 747) por meio do qual Brand teoriza a própria noção de um “espaço diaspórico”, conforme concebe Avtar Brah (1996, p. 208). Espaço esse que irrompe da interseccionalidade de vários vetores e da confluência de processos políticos, econômicos, sociais e culturais, acometendo não somente os sujeitos dos trânsitos, mas também aqueles que, apesar de não vivenciarem a mobilidade, são igualmente por ela afetados. Surge daí a necessidade da autora de refletir sobre uma “consciência diaspórica” (CLIFFORD, 1994, p. 319) que remete à consequência lógica dos movimentos transnacionais e também a esse espaço multifário e proeminente que problematiza noções de identidades nacionais e põe em evidência a multidimensionalidade dos constituintes identitários visivelmente desencadeados pelos processos de mobilidade e de movência. Essa consciência diaspórica se localiza em um espaço no qual “as múltiplas posições do sujeito são justapostas, contestadas, aclamadas ou desautorizadas” (BRAH, 1996, p. 208), tornando a multiplicidade de eixos que informa os movimentos migratórios da contemporaneidade e as identidades precárias e processuais um elemento articulador para uma compreensão das diásporas contemporâneas.

As experiências dos sujeitos na diáspora, conforme parece evocar a ficção de Brand, são, antes de tudo, multifacetadas e dependentes de outros fatores constitutivos das identidades e subjetividades contemporâneas, que determinam os movimentos diaspóricos de forma relacional, como as questões de raça, etnia, classe, religião, língua, faixa etária etc. É inegável que tais relações estabelecem entre si significativas articulações de poder mutuamente imbricadas que se sobressaem na encenação dos movimentos diaspóricos contemporâneos. Típico das experiências da diáspora, o processo de habitar “o espaço do entre-lugar, que é nem aqui, nem lá” (DAVIES, 1994, p. 1) aponta, como lembra Bhabha, para um possível “terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade” (BHABHA, 1994, p. 20). Nesse sentido, vale indagar, como propõe Bhabha, a maneira como se formam sujeitos nesses entre-lugares e nos imbricamentos da diferença em termos de raça, classe, gênero (1994, p. 2). Esse questionamento, como discutirei a seguir, está no cerne das questões abordadas tanto por Brand quanto por outras escritoras das diásporas contemporâneas. Vale ressaltar, como alerta Rey Chow (2003, p. 180), que deixar de considerar essas variantes nas leituras das diásporas contemporâneas incorreria no risco de se perpetuar um sistema de homogeneização, marginalização e exploração em um processo que se alicerça na diferença e na diversidade.

Merece destaque o fato de essas novas diásporas, como se enquadram aquelas sobre as quais as obras de Brand se debruçam, apresentarem uma forte interseção entre a questão de raça e etnicidade e sua confluência com o gênero, enfatizando-se, assim, as vivências de sujeitos cujos corpos são marcadamente gendrados, racializados e etnicizados. Tanto Avtar Brah (1994) quanto Spivak (1996) destacam o caráter marcadamente gendrado das diásporas da contemporaneidade e identificam uma feminização da imigração, balizada na percepção e comprovação de que as mulheres se tornaram um segmento cada vez maior em todas as regiões e todos os tipos de migrações pelo fato de a divisão de trabalho internacional proletariado e a exploração de mão de obra barata depender cada vez mais do labor dessas mulheres. Torna-se evidente, segundo a teorização de Spivak, como o papel feminino nesse novo contexto sociocultural revela-se um elemento diferenciador da nova diáspora e como o questionamento dos papéis de gênero nesse espaço híbrido e transnacional marca as narrativas contemporâneas

sobre a diáspora. Como observa Friedman (2009, p. 11), a escrita da diáspora que privilegia uma visada gendrada realça justamente os aspectos que escapam à retórica tradicional sobre essa nova migração (2009, p. 11).

A diáspora sobre a qual Brand teoriza, bem como as narrativas que se configuram a partir desse espaço, são tipicamente características de comunidades étnicas que trazem em comum as marcas da visibilidade pela diferença inequívoca da aparência desse corpo racializado e etnicizado, o que Eleonor Ty denomina de “o sinal visível da alteridade” (2004, p. 6). A autora argumenta que, embora fadadas à invisibilidade e ao silêncio, as minorias étnicas estão indelevelmente marcadas pela visibilidade racial e, conseqüentemente, pelo preconceito e pela exclusão social (TY, 2004, p. 6). Hall prefere pensar a diáspora como sendo um espaço capaz de criar “novas etnicidades”, isto é, articulações discursivas contingentes e móveis amparadas no cultivo das diferenças. Dessa forma, a experiência da diáspora contemporânea reconfigura as velhas formas de etnicidade que se baseavam em uma concepção imperialista e hegemônica e reelabora o conceito de novas etnicidades que se pautam pela possibilidade de um hibridismo e pelo reconhecimento de uma necessária heterogeneidade e diversidade (HALL, 1994, p. 402). É precisamente nessa confluência de novas etnicidades e de uma nova diáspora que se baliza também pelas questões de gênero que podemos localizar a reflexão proposta pelas narrativas das diásporas contemporâneas sobre a qual discorre Brand.

Um mapa para a memória

Paralelamente a um ciclo que denomino de narrativas ficcionais da diáspora, Brand publica, em 2001, *A map to the door of no return*, uma coletânea de ensaios semiautobiográficos que falam de sua própria condição diaspórica, bem como do legado histórico dos povos africanos em seu traslado para o Caribe e as Américas. Deslinda, assim, tanto a diáspora como um conceito teórico quanto as experiências históricas e pessoais que margeiam as diásporas contemporâneas. Com o sugestivo subtítulo de “Notes to belonging”, Brand traça, por meio de relatos, memórias e prosa ensaística, uma cartografia singular dos movimentos diaspóricos da humanidade. Nessa obra de não-ficção, a autora constrói, em termos teóricos, sua própria noção de diáspora – um conceito politicamente engaja-

do que aponta para o deslocamento e o trânsito como características “herdadas” da diáspora (2002, p. 150). Diferentemente do termo diáspora, que a autora preza por sua desestabilizadora conotação crítica e política, a migração implicaria um sentido de continuidade, lembranças e a possibilidade de um retorno que escapa aos sujeitos diaspóricos e, portanto, não se adequaria às suas experiências ou àquelas de muitos outros povos africanos (2002, p. 24-25).

Partindo da contundente imagem do “Portal do não-retorno” [*Door of no return*] que, apesar de não poder ser mapeado, marca um movimento sem retorno para os povos africanos, sinalizando sua inglória dispersão pelo Atlântico em função do tráfico de escravos que deu suporte à lavoura de cana nos países colonizados da América e do Caribe, Brand transita pela diáspora negra africana, atravessando o oceano em direção às Américas, passando, em especial, pelo território canadense, delineando, assim, as várias cartografias históricas e culturais que marcam esse legado. Nesse trasladar incerto e penoso pelos caminhos da memória e da escrita, a autora procura articular um discurso poético que resgata a história dos povos negros do Caribe e seu constante deslocamento desde sua saída da África pela “Passagem do meio” [*Middle passage*]. Uma vez fazendo a travessia do Atlântico, percorrendo esse portal na África que marca a saída dos africanos em direção a outras terras, não há volta, apenas a contínua experiência do trânsito e da mobilidade. A passagem por esse portal emblemático é significativa, como afirma Brand: “Em um certo sentido de desolação, foi o lugar da criação dos negros na diáspora do novo mundo ao mesmo tempo que significa o fim de começos localizáveis” (2002, p. 5).⁵ Significa também “o momento histórico que aviva todos os momentos na diáspora”, isto é, que marca seu começo e lhe dá sentido (2002, p. 24).⁶

Esse “Portal do não-retorno” se torna, pois, um espaço simbólico e basilar por meio do qual se pode teorizar o sentimento da diáspora como uma ambiguidade conceitual, como assinala Brand: “Interessa-me explorar este lugar de criação – o Portal do Não-Retorno, um lugar esvaziado de começos – como um espaço de pertencimento e não-pertença” (2002, p. 6, minha tradução).⁷ Dedicado a todos os outros possíveis moradores do portal, o texto de abertura desse relato memorialístico define o caráter diaspórico desses povos por meio da persistente imagem desse portal:

Há mapas para o Portal do Não-Retorno. O portal físico. Eles são bem gastos, examinados por um cartógrafo após o outro, refinado da Geografia de Ptolomeu às fotos orbitais e os satélites de imagens magnéticos. Mas para o Portal do Não-Retorno que é iluminado na consciência dos negros na Diáspora, não há mapas. Este portal não é meramente algo físico. É um local espiritual. É também talvez um destino psíquico. Como a partida nunca foi voluntária, o retorno era, e ainda é, uma intenção, não importa o quanto velada. Não há nenhuma maneira de entrar; nenhum retorno possível. (2002, p. 1, itálico no original, minha tradução).⁸

Esse portal emblemático que não é apenas um marco histórico, mas é também um lugar no imaginário coletivo, torna-se, na teorização de Brand, uma metáfora significativa para desvelar a estratégia dúbia da memória que, ao mesmo tempo que remete a uma recusa ao esquecimento, aponta simultaneamente para a impossibilidade de resgate da origem pela reconstrução dessa memória. Brand se interessa, sobretudo, pela análise dessa imagem como uma forma de consciência, de percepção histórica, mas também como uma experiência subjetiva e pessoal dos sujeitos diaspóricos.

A diáspora para Brand, assim como outras autoras caribenhas que hoje se movimentam para as Américas, como Michelle Cliff e NourbeSe Philip, adquire um sentido alargado de um deslocamento geográfico intervalar, mas contínuo – o que Hall denomina de um processo de rediasporização, no sentido que, se o Caribe é em si uma diáspora da África, os caribenhos que migram para a Europa e América sofrem o processo de uma diáspora da diáspora (2004, p. 431). Sneja Gunew, por outro lado, utiliza o termo *diáspora em série* para designar esse movimento de acomodações sequenciais e através de fronteiras e limites geopolíticos, que por vezes caracteriza as experiências dos sujeitos diaspóricos, gerando novas e frequentemente conflituosas economias afetivas (2008, p. 8). Nesse processo diaspórico em série, elaborado por Brand em seus vários textos, dois tropos recebem destaque especial: por um lado, surgem referências reiteradas sobre o trabalho da memória da diáspora e dos processos de mapeamentos geopolíticos (ou mesmo a impossibilidade de se delinear esses mapeamentos), e, por outro, resgata-se o enfoque nas subjetividades diaspóricas incertas, fragmentadas e processuais, delineadas através do corpo (marcadamente gendrado e racializado) como o receptáculo simbólico desses movimentos.

A impossibilidade dos mapas e a reescritura da memória

O romance *At the full and change of the moon* (1999) encena uma primorosa narrativa que complementa e se justapõe à reflexão e teorização engenhosa proposta por Brand, dois anos depois, em *A map to the door of no return*. Desta feita, o enfoque recai em uma narrativa que inaugura um momento crucial na história das diásporas humanas ao abordar a origem da diáspora caribenha por meio da saga de uma família cuja história segue a linhagem materna, desde a matriarca Maria Ursule e sua filha Bola, ambas nascidas ainda no século XIX, respectivamente 1814 e 1821, até o nascimento da nova Bola, já em 1982. Nesse sentido, apesar de ter sido publicado após *In another place, Not here* (1996), *At the full and change of the moon*, precede, em termos históricos e cronológicos, o movimento das diásporas contemporâneas. É, no entanto, uma narrativa que discorre sobre essa consciência diaspórica e como ela se encontra dispersa entre os inúmeros descendentes de Bola, a filha que Marie Ursule poupa da morte. Ao contrário do romance *Beloved*, da escritora afro-americana Toni Morrison, que relata o infanticídio perpetrado pela mãe como forma de salvar a filha da escravidão, nesta obra Maria Ursule salva a filha da morte no suicídio coletivo por ela arquitetado como forma de revolta contra a escravidão. Bola, em meio aos fantasmas das freiras Ursulinas que lhe foram transmitidos pela memória materna, sobrevive sozinha em Culebra Bay para dar origem a uma geração de sujeitos diaspóricos: “homens e mulheres que podiam tornar as fronteiras invisíveis” (2000, p. 167, minha tradução).⁹ A memória é a teia que une as diversas narrativas, como uma das personagens conclui: “tudo depende da memória” (2000, p. 115).¹⁰ Aqui, a memória funciona como o receptáculo da herança materna na diáspora dos vários filhos de Bola. Ao longo da narrativa, histórias são aos poucos relatadas, recontadas por diversos personagens, sob óticas distintas. São registros de deslocamentos, exílios, errâncias e retornos. Cada filho ou filha reserva uma parte dessa história, que é também uma história às avessas, que aos poucos é recomposta pela tessitura da narrativa – uma história que é narrada por aqueles e aquelas que sobreviveram ao processo de escravatura e à dispersão dos negros pelo Atlântico – pelas ilhas caribenhas e, a seguir, pelo processo de rediasporização nas Américas: “são eles que mantêm os detalhes em carne viva como se tivessem ocorrido ontem” (1999, p. 43).¹¹ Aqui, a memória tem ainda uma função histórica primordial ao recolher

os relatos daqueles que estiveram sempre às margens da “história oficial”. Por meio de uma narrativa que atravessa espaços temporais e perspectivas variadas, Brand nos oferece um relato da memória cujos fios são unidos pela imagem transgressora da matriarca, Maria Ursule, um relato que tenta recuperar as histórias passadas ao mesmo tempo que reflete também sobre essa impossibilidade do retorno e a inevitabilidade da diáspora dos povos africanos.

Nesse romance, bem como em *A map to the door of no return*, os mapas, assim como a memória, são fluidos e não conseguem demarcar os espaços atravessados pelos descendentes de Bola ou aqueles lugares que Bola e Kamema deveriam percorrer para chegar a salvo à legendaria *Terre Bouillante*, terra dos negros libertos (*maroonage*): “Mapas são tão subjetivos, as fronteiras se movem todo o tempo. Um mapa, como aquele na mesa de Hill, pode apenas descrever os desejos de proprietários e governadores. Ou talvez suas esperanças. Esse mapa não pode revelar a grande fluidez dos mapas, que é como a fluidez do ar” (1999, p. 53).¹² Essa impossibilidade de representação espacial da experiência diaspórica por meio de mapas é reiterada constantemente em *A map to the door of no return*. Para Brand, “Depois do ‘Portal do Não-Retorno’ um mapa transformou-se em um conjunto de impossibilidades, um conjunto de locais cambiantes [...] um mapa, então, é apenas uma série de conversas ao longo da vida sobre uma lista esquecida de identidades irrecuperáveis” (2001, p. 224).¹³ No entanto, é na tentativa de esboçar um traçado dessas “identidades irrecuperáveis”, transitando principalmente por espaços imaginários (e imaginados), construídos pelo mapeamento de memórias lacunares e intervalares que Brand constrói as vivências de muitas de suas personagens na diáspora.

Identidades irrecuperáveis, corpos inefáveis

Ao apresentar uma visão crítica dos mapeamentos históricos e do trabalho da memória na experiência diaspórica, Brand elabora o significado do deslocamento dos povos africanos em termos étnicos e por meio do corpo, problematizando a questão diaspórica pela imagética da corporificação desse espaço. A autora discorre ainda sobre o paradoxo da experiência do corpo na diáspora, entrincheirado entre a necessidade de adaptação e aculturação ao novo contexto e a inviabilidade de jamais poder fazê-lo. Descreve, pois, a força de uma escrita

que brota da experiência desse corpo racializado, gendrado e deslocado que se move na diáspora. Os corpos na diáspora, segundo a autora, se constituem em “virtuosidade ou desespero, na iminência de ambos” (2002, p. 27).¹⁴ Para Brand, evocando um argumento apresentado também por Spivak (1996, 2010) e Hall (1997), o corpo feminino e o corpo negro são os corpos mais regulados da diáspora no sentido que há funções e significados que lhes são impingidos por meio de políticas de representações que lhes tolgem o agenciamento. De fato, como observa Hall, o corpo negro tem sido construído e usado, acima de tudo, como um capital simbólico e cultural (2003, p. 342). Assim, a diáspora dos povos africanos se faz sentir, principalmente, nesse corpo simbólico: “O corpo é o lugar de cativo. O corpo negro está situado como um signo de sentidos culturais e políticos particulares na Diáspora”,¹⁵ tanto como um espaço domesticado quanto um espaço selvagem (2002, p. 35). É domesticado, porque foi ao longo dos anos um espaço culturalmente codificado por inscrições e abusos, e é um espaço selvagem no sentido que é, simultaneamente, um signo de transgressão, oposição, resistência e desejo (2002, p. 36). Esse corpo racializado, porém, é antes de tudo feminizado: “De certa forma, o corpo negro é um dos corpos mais regulados na Diáspora. Talvez o mais regulado corpo seja o corpo feminino, qualquer corpo feminino, mas o corpo negro se situa em um simbólico e próximo segundo lugar” (2002, p. 37).¹⁶ Uma das formas de reinscrever e reivindicar esse espaço do corpo negro e feminino, usurpado por séculos de exploração, segundo a autora, é justamente através de um processo de produção criativa, da escrita desse corpo, feminino, racializado e diaspórico, e do resgate das histórias esquecidas, dos vestígios deixados por esse corpo multifário que ela se propõe a realizar através de seus textos. Assim como Brand, M. NourbeSe Philip, escritora nascida em Tobago, no Caribe, e residente em Toronto, discorre sobre a diáspora e, principalmente, sobre o corpo feminino gendrado e racializado que vivencia essa diáspora. Em *A genealogy of resistance*, uma coletânea de poemas e ensaios críticos, M. NourbeSe Philip, afirma que o país natal tanto em referência à terra quanto ao corpo surgiu em seu trabalho de forma simbólica: “O efeito dessa erupção forçou em mim como poeta a consciência de que o ‘lugar’ da poesia não estava apenas no Caribe, ou no Novo Mundo, mas estava também, da maneira mais profunda, no corpo” (1997, p. 71).¹⁷ Assim, escrita, espaço e corpo se tornam profundamente imbricados na obra de ambas as autoras como espaços de adesão emotiva e ge-

ografias emocionais. NourbeSe Philip conjuga o espaço e o corpo como o lugar de produção de sua poesia, irremediavelmente gendrada. Para a autora, a mulher que escreve, em especial a poeta, inevitavelmente interage com a terra, a região rural ou o espaço urbano e todos os outros espaços externos de uma maneira que é afetada pelo gênero: “ela [a poeta] deve ler o espaço – o espaço de fora – com uma linguagem gendrada” (1997, p.75).¹⁸ Mais especificamente, para NourbeSe Philip é o corpo da mulher negra que ocupa esse espaço, que interfere na maneira como esse espaço é apreendido, pois “para a mulher negra, lugar e espaço se juntam no Novo Mundo”¹⁹ como uma forma de deslocamento, “desplacamento” [*dis place, dis placement*], como o resultado do espaço de conexão entre o corpo feminino negro e o espaço habitado, transplantado no Novo Mundo por meio da histórica e simbólica passagem do meio [*middle passage*] (1997, p. 77).

Nessa nova diáspora teorizada por Brand, e reiterada por NourbeSe Philip, observa-se principalmente a forte interseção entre a questão de raça e etnicidade e sua confluência com o gênero, enfatizando-se, assim, as articulações de um sujeito duplamente marginalizado e um corpo marcadamente gendrado, racializado e etnicizado. A diáspora aqui teorizada, bem como suas narrativas, trazem as marcas da visibilidade pela diferença inequívoca da aparência desse corpo racializado e etnicizado, que traz consigo “o sinal visível da alteridade” (TY, 2004, p. 6), bem como a possibilidade de se configurarem como “novas etnicidades” no sentido que Hall dá ao termo. São essas novas etnicidades que Brand tenta mapear em seus trabalhos, apesar de estar ciente da instabilidade gerada por esses movimentos cuja herança inequívoca, embora dolorosa e violenta, impede qualquer forma de visão gloriosa de um espaço produtivo em construção. Assim, pode-se perceber em sua argumentação a crença – também presente em Brah e Hall – nos processos identitários dos sujeitos da diáspora perpassados inevitavelmente pelos vários fatores constitutivos da subjetividade, conforme teoriza Susan Friedman (1998), que enfatizam seu caráter plural, processual, provisório e também contraditório e que se manifestam na materialidade do corpo que sofre os efeitos, na maioria das vezes perversos e aniquiladores, desses movimentos do trânsito histórico e cultural.

Se, como vimos, em *At the full change of the moon* o foco central recai sobre a memória e a cartografia na e da diáspora, em *In another place, not here* (1996), Brand elabora um intrincado texto ficcional que articula a imagética da

experiência do trânsito à materialidade do corpo – um corpo que é marcado não somente pelo gênero, mas também pela raça e etnicidade. Nesse romance experimental cuja narrativa fragmentada, poética e multifacetada viaja pela esteira da memória entre tempos e lugares distintos, entre a fantasia e a realidade, Brand explora a diáspora da contemporaneidade. O romance descortina a história de duas personagens centrais, Verlia e Elizete, cujas narrativas são contadas em partes específicas do romance, focalizando cada uma delas uma das personagens sob uma ótica diferente e uma linguagem por vezes distinta, característica de cada uma delas. Em ambos os casos, a história contada é a do deslocamento dessas duas mulheres caribenhas, de sua terra natal para a América (mais especificamente para Toronto, no Canadá). Ambas as personagens passam a ocupar um constante entre-lugar típico das vivências diaspóricas e a relatar as muitas experiências traumáticas marcadas no corpo. A narrativa parece apontar para o fato de que o processo contínuo de rediasporização coloca o corpo negro e gendrado sempre em um espaço de desconforto, suscitando um sentimento incessante de não pertencimento e desterritorialização. O pertencimento aqui, como aquele descrito em *A map to the door of no return*, é uma expressão dúbia e ambivalente, pois não dá conta das inúmeras afiliações transitórias e temporárias diante do deslocamento histórico a que essas mulheres foram submetidas e toda a carga emotiva com a qual têm que lidar. Assim, ambas as mulheres “não estavam interessadas em pertencimento. Isso não seria suficiente” (1997, p. 43).²⁰

Embora, para Elizete, a violenta experiência sentida no corpo seja perpetrada tanto no espaço de origem, no Caribe, quanto na diáspora, no Canadá, apontando para uma simbólica subjugação corpórea do corpo feminino racializado, a experiência de deslocamento é metaforicamente consumada pelo estupro simbólico, que marca sua entrada no país de destino, como um marco emblemático da experiência da diáspora para essas mulheres. Dessa forma, o romance de Brand chama a atenção para a feminização desse espaço da diáspora, ao mesmo tempo que o questiona, por meio de metáforas associadas ao corpo feminino, expondo a vivência do trânsito cultural pela corporificação da experiência diaspórica. O corpo sofre as consequências desse deslocamento como uma experiência de marginalização e estrangeiridade: “[...] cada parte do corpo colocada em uso como um martelo ou um balde, cada parte esvaziada como uma prateleira ou um vão de porta [...] o corpo não se move mais” (1997, p. 82).²¹ O corpo se torna um objeto

a ser usado, uma arma ou um aparato de despejo, algo que pode ser esgotado, exaurido, dessacralizado até não se mover mais, não mais existir. A coisificação do corpo diante da experiência do trânsito revela a condição dos sujeitos desenraizados e marcadamente gendrados e racializados. E, como afirma Elizete com relação a Verlia: “Ela tinha tristeza suficiente para todos os seus sofrimentos. Ela se lembra deles marcados no corpo” (p. 84).²² Para Verlia e para todas as personagens femininas desse romance, a experiência do trânsito é irremediavelmente sentida e rememorada por meio do corpo gendrado e racializado e, portanto, visível em sua própria invisibilidade e sua iniludível marginalização.

Corpo e espaço se tornam, então, unidos na experiência de deslocamento, uma experiência que se caracteriza sempre como algo por devir. Para essas mulheres que transitam no espaço global entre a periferia e um centro hegemônico, não há uma saída fácil e nem sempre o agenciamento é uma possibilidade de redenção nesse trânsito de destituídos. Se, por um lado, as personagens de Brand rejeitam o papel de vítimas e simples atores no palco do mundo transnacional; por outro lado, tampouco conseguem ascender à posição de “agentes de mudança”, como preconiza Spivak (1999), permanecendo ambigualmente em um entre-lugar da movência e da deriva, ou mesmo em um não-lugar inquietante da supermodernidade de Marc Augé (2010). Concebido como um poema em prosa que evoca as narrativas orais da tradição africana, o romance de Brand desvela personagens que, apesar de cortejarem o retorno, como Verlia o faz, não são capazes de levar a cabo a ação política revolucionária que tanto almejam. Sua revolução parece se efetuar mais nas entrelinhas da revolução de uma linguagem poética nos termos concebidos por Kristeva (1974), como um espaço na e através da linguagem que desafia a ordem simbólica.

Os textos de Brand aqui analisados privilegiam uma experiência da diáspora marcada de forma indelével no imaginário dos sujeitos caribenhos em seu traslado para as Américas, quer seja pela memória dos mapeamentos (im)possíveis ou pelo corpo gendrado e racializado que erige uma cartografia simbólica do trânsito por meio de uma poética do espaço por onde circulam sujeitos em trânsito, mas em um movimento errante e dissoluto. Assim, a autora opta por nos oferecer um discurso e uma estética da diáspora que nega a opção de redenção ou mesmo o agenciamento almejado diante das vicissitudes que acometem os sujeitos contemporâneos nessas diásporas em série.

Notas

- ¹ Professora Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre e Doutora pela Universidade da Carolina do Norte, Estados Unidos, com Pós-Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Columbia. Coordenadora adjunta da área de Letras e Linguística da CAPES. Pesquisadora do CNPq e da FAPEMIG.
- ² “Eu não tinha nenhum destino em mente. Estou sem destino; essa é uma das características herdadas da diáspora. Estou simplesmente onde estou: o próximo pensamento me leva ao próximo lugar” (BRAND, 2002, p. 150).
- ³ Ver a entrevista de Kuan-Hsing Chen com Stuart Hall (2003, p.415).
- ⁴ “What I am doing out here I do not know. I mean of course in the sense that I did not know I would end up here. End up is not the right phrase. My life is not over. Land may be a better word. Landing is what people in the Diaspora do. Landing at ports, dockings, bridgings, stocks, borders, outposts.”
- ⁵ “In some desolate sense it was the creation place of Blacks in the New World Diaspora at the same time that it signified the end of traceable beginnings.”
- ⁶ “The door signifies the historical moment which colours all moments in the Diaspora.”
- ⁷ “I am interested in exploring this creation place – the Door of No Return, a place emptied of beginnings – as a site of belonging or unbelonging.”
- ⁸ “*There are maps to the Door of No Return. The physical door. They are well worn, gone over by cartographer after cartographer, refined from Ptolemy’s Geographia to orbital photographs and magnetic field imaging satellites. But to the Door of No Return which is illuminated in the consciousness of Blacks in the Diaspora there are no maps. This door is not mere physicality. It is a spiritual location. It is also perhaps a psychic destination. Since leaving was never voluntary, return was, and still may be, an intention, however deeply buried. There is as it says no way in, no return.*”
- ⁹ “men and women who could make borders invisible.”
- ¹⁰ “Everything depends on memory.”
- ¹¹ “It is they who keep these details alive and raw like yesterday.”
- ¹² “Maps are such subjective things, borders move all the time. A map, like the one on Hill’s desk, can only describe the will of estate owners and governors. Or perhaps their hopes. This map cannot note the great fluidity of maps, which is like the fluidity of air.”
- ¹³ “A map, then, is only a life of conversations about a forgotten list of irretrievable selves”
- ¹⁴ “One has this sense as one observes bodies in the Diaspora, virtuosity or despair, on the brink of both.”
- ¹⁵ “The body is the place of captivity. The Black body is situated as a sign of particular cultural and political meanings in the Diaspora.”
- ¹⁶ “In many senses the Black body is one of the most regulated bodies in the Diaspora. Perhaps the most regulated body is the female body, any female body, but the Black body is a close and symbolic second.”
- ¹⁷ “The effect of this eruption was to force upon me, as a poet, the awareness that the ‘place’ of poetry was not only the Caribbean, or the New World, but also, and in the most profound way, the body.”

¹⁸ "She must read place - the outer space - in a gendered language."

¹⁹ "For the Black woman, place and space come together in the New World as never before."

²⁰ "They were not interested in belonging. It would not suffice."

²¹ "[...] every part of the body put to use like a hammer or a bucket, every part emptied like a shelf or a doorway."

²² "She had sadness enough for all their sorrow. She remember them in she body."

Referências

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: Editora Unesp/EdUFAL, 2010.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trans. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London and New York: Routledge, 1996.

BRAND, Dionne. *A map to the door of no return*. Toronto: Vintage Canada, 2002.

_____. *At the full and change of the moon*. Toronto: Vintage Canada, 1999.

_____. *In another place not here*. Toronto: Vintage Canada, 1997.

_____. *What we all long for*. Toronto: Knopf, 2005.

CHOW, Rey. *Writing diaspora: tactics of intervention in contemporary cultural studies*. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

CLIFFORD, James. Diaspora. *Cultural anthropology*, v. 9, n. 3, p. 302-338, 1994.

DAVIES, Carole Boyce. *Black women: writing and identity: migrations of the subject*. London and New York: Routledge, 1994.

DAVIES, Carole Boyce. Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.18, n. 3, p. 747- 630, 2010.

FRIEDMAN, Susan Stanford. The "New Migration": Clashes, Connections and Diasporic Women's Writing. *Contemporary women's writing*, Oxford, v. 3, n. 1, p. 6-27, June 2009.

_____. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

GILROY, Paul. Diaspora. *Paragraph* v. 17, n. 3, p. 207-212, 1994.

GUNEW, Sneja. Serial accommodations: diasporic women's writing. *Canadian literature*, Vancouver, n. 196, p. 6-15, 2008.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (Eds.). *Colonial discourse and post-colonial theory*. New York: Columbia University Press, 1994. p. 392-403.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. The work of representation. In: _____(Org.). *Representation: Cultural Representation and Signifying Practices*. London: Sage/Open University, 1997. p. 13-79.

KRISTEVA, Julia. *La révolution du langage poétique*. Paris: Éditions du Seuil, 1974.

PHILIP, M. NourbeSe. *A genealogy of resistance and other essays*. Toronto: The Mercury Press, 1997.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

_____. Diaspora Old and New: Women in Transnational World. *Textual Practice*, v. 10, n.2, p. 245-269, 1996.

_____. *Pode o subalterno falar?* Trans. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TY, Eleanor. *The politics of the visible in asian north american narratives*. Toronto: University of Toronto Press, 2004.